

«A ideia da *Quotidio Morior* nas *Artes Moriendi* jesuítas na Idade Moderna – a *Satisfaçam de Agravos* do Padre João da Fonseca, S. J.

Os principais estudiosos do sentimento perante a morte¹ são unânimes em considerar que a escatologia cristã, nos inícios da Idade moderna, sofreu uma nítida particularização. A história universal e individual, tal como era entendida pelo homem do final da Idade Média – tanto nas abordagens mais ortodoxas² como heterodoxas³... – não acabava com o fim da vida terrestre, só terminava no fim dos

¹ Pierre CHAUNU, *La mort à Paris – XVIe, XVIIe et XVIIIe siècles*, Paris, 1978; Philippe ARIÈS, *O Homem perante a morte*, [trad. de Ana Rabaça], publicações Europa América, 1988; Philippe ARIÈS, *Sobre a História da Morte no Ocidente desde a Idade Média*, Lisboa, Teorema, 1989.

² Era comum uma abordagem «cristocêntrica» da história: o devir da humanidade aconteceria em «seis idades» sendo a sexta a que compreendia desde Cristo até ao «fim do mundo»... Santo Agostinho, por exemplo, porá em paralelo as idades do mundo e os sete dias dos Génesis, sendo o oitavo o da eternidade. Principalmente na obra *De civitate Dei*, trabalha a ideia de que a igreja era a única detentora do poder no curso do tempo..., era ela que «mediava» o período entre o «tempo» e a «eternidade», era o reino de Cristo e o reino do céu. Nesta concepção, o tempo «pós-cristico» era o tempo do Espírito Santo..., com Cristo a história entrara na sua sexta e última fase, do futuro nada de melhor se poderia esperar... A existência terrena era vista como algo mau, resultante da queda de Adão, um vale de lágrimas, um inferno terreno cujo único destino era o juízo final. Os acontecimentos eram uma concepção caótica do pecado... Portanto, rejeita a interpretação do milenário reino de Cristo mencionado no Apocalipse como um futuro reino terreno, interpretando-o como um símbolo da presente vida da Igreja – Cf. Robert E. LERNER, *Refrigerio dei santi – Gioacchino da Fiore e l'escatologia medievale*, Centro Internazionale di studi Gioachimiti, Opere di Gioacchino da Fiore: testi e strumenti, viella, Roma, 1995, 19.

³ Recordem-se, por exemplo, as abordagens Joaquimitas e pseudo-joaquimitas que, ao contrário, tinham uma visão «pneumatocêntrica»: o coração da «história joaquimita» não seria o passado – ou seja, a vinda e encarnação de Cristo –, mas o presente em que se iniciava o futuro do espírito – Cf. Robert E. LERNER, *Refrigerio dei santi...*, ed. cit., 73; 100; 120; *Gioacchino da Fiore Sull'Apocalisse*, tradução e estudo de Andrea Tagliapietra, ed. Feltrinelli, I Classici, Milão, 1994, 41; Apesar de «viver na clandestinidade», esta ideia joaquimita da «terceira idade» foi ganhando raízes e alargando o seu espaço de influência e enfraquecendo progressivamente a visão agostiniana do tempo e da história... No final da Idade Média os homens e mulheres levavam muito a sério a iminência de uma nova fase histórica – era algo que tinham como evidente. Por isso, copiavam e liam as profecias de um tempo melhor que aconteceria depois da iminente vinda do Anticristo, fazendo cálculos sobre o momento de tal evento cujas datas iam sendo sucessivamente atualizadas... – Robert E. LERNER, *Refrigerio dei*

tempos com a sentença pronunciada aquando do «juízo final»⁴... E é entre o século XV e XVI que se organiza e estrutura – pelos textos e pelas imagens religiosas – a ideia escatológica do «julgamento final particular». As reflexões feitas sobre o período que mediava entre a morte física do homem e o fim do mundo começam a tornar mais nítida essa outra figura de que o destino da alma dependeria dos argumentos que, depois da vida terrena, cada cristão pudesse apresentar... Desde meados de quatrocentos, à iconografia clássica do «julgamento final» vinha-se sobrepondo uma nova imagética que ecoava essa nova forma de encarar a morte, particularizando e individualizando o julgamento, e que invade os espaços religiosos, se multiplica em xilografias e, nos finais do século, começa a difundir-se pela arte tipográfica⁵...

São disso exemplos as *artes moriendi*, pequenos opúsculos destinados aos agonizantes propondo um modelo a seguir nesta última etapa da vida. O texto e as imagens – recuperando o antigo modelo do homem que aguardava a morte no leito... – como que ritualizam a agonia, sugerindo gestos, palavras, pensamentos até, para resistir às tentações do diabo que usa de todos os artificios para se apoderar da alma do que agoniza e a condenar às agonias do inferno⁶.

santi..., ed. cit., 20; 46; M. REEVES, *The Influence of Prophecy in the Later Middle Ages – A Study in Joachimism*, Oxford, 1969, 299-303.

⁴ *La cattura della fine – Variazioni dell’escatologia in regime di cristianità*, (a cura di Giuseppe Ruggieri), Marietti, Genova, 1992; Augusto PLACANICA, *Segni dei Tempi. Il Modello Apocalittico nella Tradizione Occidentale*, Venezia, 1990.

⁵ Fausto MARTINS, *Leitura iconográfica e mensagem icónica dos “Novísimos” de Wierix*, in *Os «Últimos Fins» na Cultura Ibérica (XV-XVIII)*, Rev. Fac. Letras – Línguas e Literaturas, Anexo VIII – Porto, 1997, 51-70; «...o tema do juízo final não foi totalmente abandonado: encontrámo-lo no século XV e XVI na pintura de Van Eyck ou de J. Bosch, no século XVII ainda aqui e além (Assis, Dijon). Todavia sobreviveu a si mesmo, perdeu a sua popularidade e já não é verdadeiramente sob esta forma que se imagina em seguida o fim último do homem. A ideia de Julgamento separou-se então da ideia de ressurreição. A ressurreição da carne não é esquecida: a iconografia e a epigrafia funerárias, tanto protestantes como católicas, não deixaram de lhe fazer referência. Mas separou-se do grande drama cósmico e foi colocada no destino pessoal de cada homem» – Philippe ARIÈS, *Sobre a História da Morte...*, ed. cit., 129.

⁶ Existem duas versões destes opúsculos : uma, mais curta, era composta por «cinco tentações» usadas pelo diabo para afligir os moribundos e os respectivos «cinco conselhos» do anjo para lhes resistir. As tentações : «de fide», «de desperatione», «de impaciencia», «de vana gloria», «de avaritia». A versão mais longa era normalmente constituída por seis capítulos. O primeiro é um elogio da boa morte, o segundo – à semelhança da versão mais curta – trata das cinco tentações, a terceira parte trata das sete questões de Gerson e de Anselme de Canterbury, a quarta propõe o modelo da imitatio christi, a quinta, baseada mais uma vez nos escritos de Gerson (autor de *Opus Tripartitum*), dirige-se aos amigos do agonizante, e a sexta e última consiste numa série de orações... – Florence BAYARD, *L’Art du bien mourir au XV^e siècle – Étude sur les arts du bien mourir au bas moyen age a la lumiere d’un ars moriendi allemand du XV^e siecle*, Presses de l’Université de Paris-Sorbonne, Paris, 1999, 15-17.

A partir do tradicional modelo da morte no leito, a iconografia das *artes moriendi* vai recompor e reformar o significado da alcova do moribundo. O quarto do agonizante passa a ser uma espécie de «teatro» onde iria ter lugar um «drama» em que se decidiria o destino de um homem ou de uma mulher⁷...

Como era costume – uma vez que a morte era encarada como uma cerimónia pública – o quarto do moribundo encontrava-se cheio de parentes e amigos – às vezes simples curiosos –, mas aos presentes passava despercebido um espectáculo exclusivamente reservado ao que morria: seres sobrenaturais precipitavam-se sobre a sua cabeça, de um lado a Trindade, a Virgem, toda a Corte celeste e o anjo da guarda; do outro, Satanás liderando os seus demónios. E neste momento o agonizante veria toda a sua vida num relance como se estivesse escrita num livro... E imaginavam-se as últimas tentações: a fé, o desespero, a impaciência, a vaidade, a arrogância o materialismo... Segundo Philippe Ariès, Deus aparece não tanto como Juiz à semelhança das antigas representações do Julgamento Final, mas como mero observador, um árbitro, uma testemunha que assistia à contenda entre as forças do bem e do mal tentando ganhar a alma do moribundo⁸. O destino podia ser resolvido nos últimos momentos da vida terrena... Era ali que se decidiria a sua salvação pelo repúdio do pecado, pela vitória sobre as tentações do maligno... Quem, na última hora, sucumbisse ficaria privado do esplendor celestial e sofreria a condenação eterna... O «Julgamento individual» consistia nesta prova derradeira que, *in hora mortis*, o indivíduo teria de ultrapassar⁹...

No início do século XVI esta segunda interpretação escatológica supera nitidamente a primeira – isto é, a escatologia da espera imprecisa da ressurreição – privando o crente da tranquilidade do juízo final enfrentado colectivamente pela Igreja e pelo Povo de Deus. E esta «última provação» torna-se algo de aterrador... Assomam temores da tentação de um demónio impiedoso..., receiam-se as fraquezas da natureza humana que pode não resistir à instigação do maligno... E os medos provocam representações realistas, muitas vezes violentas e repugnantes da degradação humana e da morte... É uma irrupção do «macabro» que ganha manifestações bem nítidas nas linguagens e nas artes dos inícios da Idade Moderna¹⁰.

E esta nova escatologia do destino de cada um dos homens apelava a «Formas de ressarcimento» que geram redes de solidariedade entre os vivos e os mortos com o intuito de atenuar a solidão e o tormento das almas... Também por

⁷ Philippe ARIÈS, *O Homem perante a morte...*, ed. cit., 130; 131.

⁸ Philippe ARIÈS, *O Homem perante a morte...*, ed. cit., 132.

⁹ «Parece-me (...) que a liberdade do homem é aí respeitada e que, se Deus pareceu depor os atributos da Justiça, foi porque o próprio homem se tornou no seu próprio juiz» – Philippe ARIÈS, *O Homem perante a morte...*, ed. cit., 132.

¹⁰ Johan HUIZINGA, *El Otono de la Edad Media*, Revista de Occidente, 5ª edição, Madrid, 1961, 198-206; Philippe ARIÈS, *O Homem perante a morte...*, ed. cit., 133-148.

isso, a Igreja se vai apoderar da secular crença no Purgatório, transformando-a num argumento fundamental da pastoral pós-tridentina¹¹... Enquanto o «julgamento final», colectivo, comportava apenas o céu e o Inferno como únicas possibilidades, agora este espaço intermédio e probatório permitia aos vivos – por meio de orações, missas, obras e indulgências... – intervir em favor dos que esperavam a salvação ou a condenação¹²...

Esta alteração do «Drama escatológico» – para além da inevitável valorização do último instante e da percepção da importância de se ensinar a bem morrer... – terá como consequência o aprofundamento da ideia de que uma boa morte era algo que se devia conquistar ao longo de toda a vida... Na Idade Moderna as «artes de bem morrer» vão ganhando formas de «artes de bem viver», situando-se nas áreas da meditação, da penitência e da ascese, aproximando-se, neste sentido, de toda a literatura barroca de espiritualidade¹³. Por outro lado – na procura de didactismo religioso e da desejada ligação com os públicos devotos – verifica-se uma diversificação dos textos em reflexões sobre a morte, em artes de bem viver, em manuais ou guias de confessores... As «artes de bem morrer» transformam-se assim, pouco a pouco, numa recolha de orações e exercícios espirituais que permitiam – a quem tivesse uma vida piedosa – aceder a uma boa morte. Também do ponto de vista formal as *artes moriendi* dos séculos XVI e XVII sofrem importantes modificações... As obras – antes muito dependentes de uma iconografia dos últimos momentos que gerava, a letrados e não letrados..., confiança para resistir às tentações, mantendo o moribundo forte na fé cristã – vão tendencialmente substituir a imagem pelo texto... A autonomização da letra gera um arranjo bem menos dramático e comovente relativamente ao que era habitual nas *Artes Moriendi* do séculos anteriores¹⁴...



Entre a profícuca e multifacetada produção bibliográfica da Companhia de Jesus é bem perceptível um filão de «artes de morrer»... Segundo R. Cartier, o grande arquétipo foi a obra de Juan Polanco – um jesuíta natural de Burgos e

¹¹ Jacques LE GOFF, *O Nascimento do Purgatório*, Lisboa Editorial Estampa, 1993, 26.

¹² Jacques LE GOFF, *O Nascimento do Purgatório...*, ed. cit., 15.

¹³ José Adriano de Freitas CARVALHO, *Lectura Espiritual en la Península Ibérica (Siglos XVI-XVII) – Programas, recomendaciones, lectores, tiempos y lugares*, SEMYR/CIUHE, Salamanca 2007; Zulmira C. SANTOS, *Entre a “Doutrina” e a Retórica: Os tratados sobre os quatro novísimos (1622) de Frei António Rosado O. P., in Os «Últimos Fins» na Cultura Ibérica (XV-XVIII)*, Rev. Fac. Letras – Línguas e Literaturas, Anexo VIII – Porto, 1997, 161-172.

¹⁴ Cf. Daniel ROCHE, *La mémoire de la mort. Recherche sur la place des arts de mourir dans la Librarie et la lecture en France aux XVIIe. et XVIIIe. siècles*, in «Annales E. S. C.», 1 (1976), 76-119.

secretário do fundador a partir de 1547¹⁵ – publicada em 1575 com o título *Methodus ad eos adiuvandos qui moriuntur*, que viria a ter, até 1668, doze edições¹⁶... E no que ao palco português diz respeito – onde, até ao século XVII a actividade editorial não privilegiou a edição de textos de preparação para a morte¹⁷ –, terá um papel inovador e incontornável o *Breve Aparelho* do Padre Estêvão de Castro, Publicado em 1621 nos prelos de João Rodrigues, e que viria a ser um caso de sucesso editorial e provavelmente o manual de preparação para a morte que mais edições ofereceu¹⁸.

Os trabalhos feitos sobre as obras saídas da pena jesuíta tornam claro o requinte com que trabalham a ideia do purgatório e do juízo final individual..., o cuidado no tratamento da ideia da «*Quotidio Morior*» – ou seja, a de que só uma boa vida poderia conduzir a uma boa morte..., a de que viver não deveria ser mais do que preparar a morte..., a de que se morria todos os dias¹⁹... Mas não é sustentável considerar estes como traços particulares, inovações exclusivas. Se há novidade nas «artes de ajudar a morrer» jesuítas, ela não está tanto no conteúdo, mas essencialmente na forma, na estratégia, no método... As obras distinguem-se pela singular organização estrutural, pela simplicidade, pelo pragmatismo, pela atenção dada aos excluídos, aos mais pobres e desfavorecidos...

Algumas destas conclusões resultaram da análise de *O Breve Aparelho* de Estêvão de Castro²⁰ – uma obra constituída por um Prólogo e por seis capítulos que correspondem aos seis «graos de doença» – que se situa no interior da literatura destinada a acompanhar os agonizantes seguindo a antiga tradição iconográfica das *artes moriendi* e tendo também como destinatários os sacerdotes que assistiam os moribundos... Embora – como as artes de bem morrer que circulavam na época

¹⁵ Jean LACOUTURE, *Os Jesuítas – I. A Conquista*, Editorial Estampa, 1ª edição, Lisboa, 1993, 127; 132; 232.

¹⁶ Roger CHARTIER, *Les arts de mourir, 1450-1600*, in «*Annales E. S. C.*», 1(1976), 51-75.

¹⁷ Cf. Sara Maria Cerqueira da SILVA, O “*Breve aparelho e modo fácil para ajudar a bem morrer hum cristão*” do padre Estevão de Castro (1621), [Texto policopiado], Tese mestrado História da Cultura Portuguesa, época Moderna, Univ. do Porto, 55; *Bibliografia Cronológica da Literatura de Espiritualidade em Portugal (1501-1700)*, Direcção de José Adriano de Freitas Carvalho, Instituto de Cultura Portuguesa, Porto, 1988.

¹⁸ Sara SILVA, O «*Breve Aparelho...*», ed. cit., 151-153.

¹⁹ José Adriano de Freitas CARVALHO, *Um pregador em tempos de guerra: Inácio Martins S. J. Seis sermões contra os Ingleses (1588-1596) e cinco cartas de viagem (1573-1574)*, in *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos sécs. XVI e XVII – espiritualidade e Cultura*, Actas do Colóquio Internacional – Maio 2004, vol. I, 231-368; Maria Gabriela OLIVEIRA, «Almas do Purgatório: meditação, devoção, convertio cordis. A propósito de alguns sermões de P.e Inácio Martins S. J.», in *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos sécs. XVI e XVII – espiritualidade e Cultura*, Actas do Colóquio Internacional – Maio 2004, vol. II, 611-626.

²⁰ Sara SILVA, O «*Breve Aparelho...*», ed. cit., 59-64.

– a intenção seja socorrer as almas no momento da morte..., uma forma de «aparelhar» o doente para o «difícil transito que tinha de enfrentar e ultrapassar», o *Breve Aparelho* situa-se na linha daquelas obras que contestam a crença difundida pela escatologia do destino individual decidido no leito do moribundo de que não era estritamente necessária uma vida cristã, porque uma boa morte poderia expiar toda uma vida pecadora.²¹



Esboçado este quadro, o que nos propusemos fazer foi alargar leituras, procurar outras obras pertencentes a este filão na tentativa de contribuir para que se pintem com traços mais definidos as características das obras do género laboradas por padres da Companhia ao longo do século XVII. Falaremos, concretamente, de uma obra do padre João da Fonseca, intitulada *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos*²², que, tendo como motivação o exercício de edificação moral e religiosa, vai desembocar numa reflexão sobre a morte e sobre a maneira de bem viver. E pelo artifício literário, pelas capacidades de – de uma forma simples –, convencer, mobilizar..., pela forma precisa como se situa relativamente ao drama escatológico..., parece-nos paradigmática dentro da literatura jesuíta que tem a morte e a arte de a preparar como objecto....

O autor, natural de Viana do Alentejo, apenas com dezassete anos, entrou para a Companhia, no noviciado de Évora no dia 19 de Janeiro de 1649, professando a quinze de Agosto de 1669. Faleceu no Colégio de Santo Antão de Lisboa no dia um de Outubro de 1701 com 69 anos de idade e 52 de Companhia... Segundo Barbosa Machado, para além de ser «observantissimo cultor de todas as virtudes religiosas» era também «illustrado com a luz da profecia» revelando «muitos

²¹ Sara SILVA, *O «Breve Aparelho...»*, ed. cit., 63; «...o verdadeiro aparelho para o bem morrer, hé o bem viver; e quem cada dia se arma, e esforça a bem viver, cada dia se aparelha a bem morrer» – Estêvão de CASTRO, *Breve Aparelho*, Prólogo, in Sara SILVA, *O «Breve Aparelho...»*, ed. cit. Apêndice.

²² João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos, por modo de Diálogo entre hum hermitam, e hum soldado, Dividido em dois tratados com exemplos, e historias notáveis em confirmação, do que praticam*, Évora, 1700.

futuros» e prevendo vários sucessos²³. A obra que gostaríamos de tratar foi escrita precisamente em 1700 um ano antes de morrer.

Na versão expressa no Prólogo, o que teria motivado a obra teria sido o facto de sentir «estar o odio no mundo mui introduzido, e o que mais he para sentir, tam authorizado, que se acha ordinariamente em pessoas de maior authorityde, as quais tem por rezam de estado vingar qualquer aggravo, que lhes fizerem, e fazendo estado da sem rezam, tem por cazo de menos valer, e descredito de seu valor, perdoar a quem huma vez os aggravou, e admittir a sua amizade, o que em algum tempo se mostrou seu inimigo, ainda que lhes peça perdam do aggravo, que lhes tem feyto, antepondo seo errado juizo, e o appetite da vingança ao preceyto Divino, que Christo Senhor Nosso tanto nos deyxou encomendado, mandando já vizinho á morte, como em testamento, nos amemos huns aos outros, o que nam podemos comprir sem perdoar os aggravos, e amar os inimigos»²⁴.

A obra está dividida em dois tratados: o primeiro – cujo título é *Satisfacção de Aggravos* – procura tratar da questão das queixas e razões que normalmente os ofendidos usam como argumento para se vingarem e para justificarem a decisão de não perdoarem as ofensas que os seus inimigos lhe haviam feito. Desde as primeiras linhas se lê a preocupação com a leveza, a agradabilidade... E por isso, para que as matérias causem menos fastio, as porá em forma de diálogo entre um ermitão e um soldado...

Ocasionalmente, um ermitão, que deixara o «deserto» para vir buscar água a uma fonte, cruza-se com um soldado – figura que funciona claramente como metáfora dos cristãos errantes, os *milites cristiani*... – de ar pensativo, semelhante melancólico e gesto irado. O ermitão, depois de o saudar com afabilidade, pergunta-lhe a causa de tanta pressa. Pelo gesto, o soldado mostrou que enfadara a

²³ Diogo Barbosa MACHADO, *Biblioteca Lusitana*, Lisboa, 1747, Tomo II, 605-607. Foi autor de *Norte Espiritual da vida Christãa pela qual se deve governar o que dezeja acertar com o caminho da perfeição fiado na Divina Providencia, e conformando se em tudo com a divina vontade*, Coimbra, 1687; *Espelho de penitentes*, Évora, 1687; *Escola da Doutrina Christãa*, Évora, 1688; *Guia de Enfermos, moribundos, e agonizantes*, Lisboa, 1689; *Instrucção espiritual para antes, e depois da Sagrada Comunhão*, Lisboa, 1689; *Alívio de Queixosos da morte dos que amarão em vida*, Lisboa, 1689; *Antídoto da alma para medecina de escrupulos, remedio de tentados, e perservativo de enganos, e illusoens que pode haver em matérias espirituas*, Lisboa, 1690; *Silva Moral, e historica. Discursos moraes de diversas materias confirmados com seis Centurias de exemplos escolhidos, e historias selectas*, Lisboa, 1696; Deixou ainda prontos para impressão *Sylva Moral e história* – obra muito semelhante à «Silva Moral» já publicada; e *Meditações dos Exercícios de Santo Ignacio* – Cf. Diogo Barbosa MACHADO, *Biblioteca Lusitana*, ed. cit., 606-607; Robert RICARD, *Contribution a l'étude du P. João da Fonseca*, in *Revue d'Ascétique et Mystique*, Tome XLII, 1, N° 165, (1966); Massimo BERGONZINI, *Due opposte collezione di apoftegmi : la Floresta Española di Melchor de Santa Cruz, la Nova Floresta «Portuguezza» di Manuel Bernardes*, in *Via Spiritus*, 13 (2006), 156-158.

²⁴ João da FONSECA, *Satisfacção de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., Prólogo, ii.

pergunta e apressou o andar... O frade sentiu que o devia seguir e convenceu-o a ir até à fonte próxima onde poderia descansar e acalmar a ira²⁵... Chegados à fonte, à sombra de uma árvore, enquanto o calor se moderava, o soldado – que embora agora mais exercitado na guerra conservava ainda «alguns farrapos de filosofia, que em algum tempo estudara»²⁶ – aceita «praticar» sobre estas coisas da ira, da cólera, da vontade de vingança... A determinado momento da conversa confessa a causa do ódio que o possuía:

«He tanto o que tendes obrigado com vosso bom modo, e cortezia – confessou o soldado – que me não atrevo a vos encobrir, o que até agora a ninguém manifestei. Sabereis como tendo militado muitos annos, e sempre com tanto credito, e bons serviços, que me prometiam avantajados postos, certo soldado, que eu tinha por companheiro, e tratava como amigo, envejezo de minha melhor fortuna, e da estimaçam, que de mim fazião os Generaes, e Capitaens, formando queixa de o não querer acompanhar em huma occasiam, pera a qual por credito seu me não havia de convidar; sobre me ter dito algumas palavras afrontozas, à traiçam me deu huma bofetada, e pondo-se em fugida se auzentou da terra, em que vivia, e me faz ruins auzencias tratando de impedir meus acrecentamentos; e levantandome falsos testemunhos. Fis diligencia por saber onde estava, e tive noticia residia em huma cidade, que não fica daqui longe»²⁷.

E depois de a interlocução deambular sobre as causas e os efeitos da ira, sobre os meios e os remédios contra ela, sobre o facto de não ser «contra o valor» sofrer injúrias e não fazer caso delas²⁸, sobre a forma como se hão-de perdoar²⁹..., o ermitão – enfrentando repetidas resistências³⁰ – tenta dissuadi-lo das suas intenções e convencê-lo a perdoar, à semelhança do exemplo de Cristo Redentor³¹.

É uma diatribe enredada, profusamente urdida de argumentos e contra argumentos que o ermitão sustenta com muita dificuldade³²... A certa altura – aparentemente depois de esgotados os argumentos – quando o soldado continua a

²⁵ João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., 2.

²⁶ João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., 2.

²⁷ João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., 18.

²⁸ João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., 20.

²⁹ João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., 24.

³⁰ o soldado usa como argumentos a dificuldade e os inconvenientes que advêm para os soldados «no guardar o perceito de amar, e perdoar ao inimigo» - Cf. João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., 33; 36; 39; 78; 83; 101; 105;

³¹ João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., 57

³² João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., 70; 95; 98.

acreditar nas razões que tem para não perdoar o seu inimigo, o ermitão usa como trunfo-forte o perigo que corre de o achar a morte naquele estado de obstinação e ódio³³:

«...nem vos deyxéis enganar do inimigo, dizendo lhe perdoareis à hora da morte, pois nam sabeis se tereis entam tempo, e occaziam, em que lhe possais perdoar por vir a morte de repente, ou nam estardes em vosso juízo (...) Mas ainda que a morte nam seja repentina, e tinhais o juízo perfeito, o dar nessa hora o perdão, he mostrar perdoais, porque mais nam podeis, arriscandovos a que o temor nam obrigue a perdoar, sem que seja de coraçam, e a que Deos vos nam perdoe este e os mais peccados, que tiverdes, pois diz o Senhor, *Nam perdoará a quem nam perdoar de coraçam, como nam perdoou a quem nam perdoou os cem denarios, que outro lhe devia, mandando fosse lançado no carcere, para ahi ser atormentado*»³⁴.

Mesmo assim sobeja no soldado o profundo convencimento de que teria tempo bastante para, antes de morrer, perdoar: «muytos vi que – diz – perseverando toda a vida em odio com seus inimigos à hora da morte lhe perdoarão, e contudo nam he de crer se perderão, o mesmo Christo perdoou a seus inimigos estando para espirar»³⁵.

Cristo, no entanto – contra-argumenta o frade – perdoou ao espirar porque foi nessa mesma hora que seus inimigos mais o atormentaram, e esperou que o pusessem na cruz para daquele lugar de tanto tormento pedir a Deus que considerasse o perdão dos homens... Por isso, aconselha-o a extirpar do seu coração todo aquele ódio, criando condições para que o confessor o possa absolver e, posteriormente, cumprir os preceitos da Igreja para que deixe de viver como gentio... Porquê andar em pecado e escravo de Satanás podendo estar na graça de Deus?³⁶ E há também as «razões temporais»: quem lhe assegura que, indo para se vingar, o inimigo não o supera em força³⁷... Além disso, esse mesmo homem que tem agora por adversário pode vir a ser santo à semelhança do apóstolo S. Paulo e tantos outros pecadores convertidos à santidade³⁸...

A interpretação do soldado continua outra: a aplicação da vingança também pode morigerar..., o seu detractor mais facilmente se poderá tornar um ho-

³³ João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., 105.

³⁴ João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., 108.

³⁵ João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., 109.

³⁶ João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., 110.

³⁷ João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., 110.

³⁸ João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., 123-131.

mem santo depois de punido... E se não se vingar, continuarão as infâmias e as murmurações... Não, do ponto de vista do religioso, Deus não precisa do pecado de um homem para trazer outro ao seu serviço. E apresenta histórias, exemplos para mostrar como «se nam ha de fazer cazo de murmuraçoens»³⁹; como «a verdade he a couza mais forte do mundo»⁴⁰; como o importante é que a sua própria consciência o não acuse⁴¹, é a sua a paz interior⁴²...

E quando o soldado mostra alguns sinais de estar demovido⁴³, o ermitão pôs-lhe um crucifixo nas mãos e disse-lhe:

«tomay irmam em vossas maons este crucifixo, que aqui trago, e imaginay que falla com vosco o Senhor desta sorte. – Olha para mim pregado em esta cruz, por todas as partes cercado de inimigos, os quais tem todo o meu corpo aberto com feridas, injuriando minha pessoa com mil injurias, e enormissimas blasfemias: e com tudo lhes perdoou, e peço a meu Eterno Pai lhes perdoe. E porque nam acabarás tu contigo à vista de meu exemplo, perdoar a quem te offendeo? Como te atreves vendo minhas mãos encravadas, estender as tuas, para offenderes o teu proximo? Como, vendo meus pés trespassados com duros cravos, podes dar passo para buscar a teu inimigo? Como, vendo meu corpo despido, e coberto de sangue, que corre das feridas, que me fizeram meus inimigos, armas teu corpo para sahires a pelejar com o teu? Como, estando minha cabeça trespassada de agudos espinhos, cabem na tua pensamentos de vingança? Como, vendo meu peito aberto com huma lança, conservas em teu coração o odio contra quem te agravou...»⁴⁴.

Agora sim o soldado não consegue resistir a tão fortes argumentos e mostra-se arrasado, disposto a pedir perdão, a emendar a vida futura gastando os seus dias num «deserto» em oração e penitência⁴⁵...

³⁹ João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., 198; 202.

⁴⁰ João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., 214

⁴¹ João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., 222.

⁴² João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., 230.

⁴³ João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., 239.

⁴⁴ João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., 302. A «paixão de Cristo» é um tema muito reiterado nas *artes moriendi*: – Florence BAYARD, *L'Art du bien mourir...*, ed. cit., 18.

⁴⁵ João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., 303.



No segundo tratado o soldado é uma personagem transfigurada, à procura da perfeição... O seu desejo é agora entrar em deserto, viver em oração e penitência e preparar-se para «bem morrer»⁴⁶. E é ele que solicita a ajuda do ermitão na tentativa de arranjar modos de reparar as suas culpas e garantir a salvação. Depois da necessária confissão geral, o ermitão aconselha-o a entregar-se ao exercício da oração mental⁴⁷..., ensina-lhe como se há-de dispor para devotamente orar, o que é a meditação, o que é a devoção⁴⁸, o que é a «oração vocal»⁴⁹, como «se ha de haver nas penitencias»⁵⁰, quais «os meios, de que se pode ajudar (...) para alcançar a paz interior, e sossego de sua consciencia, e como se ha de haver quando se vir desconsoado, e affligido, e tentado»⁵¹.

Antes de ir para o «deserto»⁵², agora desejado, o soldado entra numa ermida dedicada à Virgem Nossa Senhora e, «despojado das armas da milicia da terra se alista na do Ceo». As «novas armas» são agora os documentos que o ermitão lhe oferta para que possa prosseguir os seus bons propósitos⁵³... Agora, predisposto, «alistado», e com os «instrumenta» para começar a prosseguir vida virtuosa..., o soldado pede ensinamentos acrescidos sobre a forma de se dispor para bem morrer⁵⁴:

«...já que de tanto espírito, e zelo – pergunta o soldado – me dicestes, e ensinastes, o que devo fazer para reformar minha vida, e viver como verdadeiro Christam, peçovos me digais agora como me hei de dispor para bem morrer, e ainda que já sobre esta materia me destes alguns documentos, continuay com o que falta para aquella hora, de que depende huma eternidade, ou de pena, ou de gloria»⁵⁵.

⁴⁶ «No primeiro tratado vimos como o soldado se deu por satisfeito com as rezoens do Hermitão, e perdou os agravos, que seu inimigo lhe tinha feito: Neste segundo, para confuzam de vingativos, o veremos tratar de satisfazer por suas culpas com oraçam, e penitência em hum deserto, e como se dispoe para bem morrer, e trata de sua sepultura, exequias, e suffragios» – João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., 314.

⁴⁷ João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., 314.

⁴⁸ João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., 322.

⁴⁹ João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., 324.

⁵⁰ João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., 329.

⁵¹ João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., 337.

⁵² João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., 347.

⁵³ João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., 350.

⁵⁴ João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., Tratado II, capítulo III, 352.

⁵⁵ João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., 352.

«...como vos poderei eu ensinar a bem morrer – responde o ermitão – sendo toda a vida breve para aprender Doutrina tam importante? Mas para nam faltar em comprir vosso dezejo, que he tam ajustado, direi o que souber nesta materia (...) Primeiramente heis de saber que a morte he privaçam da vida, e separaçam da alma do corpo, a qual nenhum, ou seja bom, ou seja mau pode evitar, pois he decreto infallivel, que todos ham de morrer: Statutum est hominibus semel mori, e posto nam haja couza mais penoza e terrivel para os maos, que o deixar esta vida, e os gostos e deleites della, com tudo para os bons, que vivem conforme a lei de Deos, nam pode haver couza mais gostosa, e suave, por se verem livres da molesta carga do corpo, e poderem gozar da vista de Deos na Gloria, a quem tanto dezejavam ver em vida; por isso a morte dos justos se chama sono, porque como o sono he descanço do corpo, a morte he da alma (...) a morte dos justos com mais rezam se pode chamar vida por lhes abrir a porta por onde entrarâm na Bemaventurança; por isso a Igreja festeja os Santos no dia em que morreram por estarem já gozando da verdadeira vida na Gloria»⁵⁶.

O primeiro passo, portanto, é não temer a morte: para os justos e santos a morte só pode ser suave e gostosa porque não amam nada do mundo, a morte nada lhes pode tirar. E como só a Deus amam enquanto vivem se alegram quando morrem... De certa forma esperava-se a objecção do soldado convertido: pois se é tão deleitosa a morte por que não a procurar então através de um gesto heróico ao serviço da fé?

Na doutrina do frade, nunca se deve desejar o martírio, mas aceitar sempre a vontade de Deus e conservar a vida e a saúde pelos meios lícitos e ordinários⁵⁷..., «o genero de morte, e o lugar, em que havemos de morrer, pende da vontade Divina»⁵⁸. E neste seguimento, expressa o proficuo conceito de «martírio interior» que resultaria da aceitação do sacrificio da penitência e da mortificação continuadas. É um «viver morrendo» mais meritório e aceite aos olhos de Deus:

«Dois generos de martyrio ha, diz S. Gregorio; hum exterior quando se morre pella Fé de Christo, ou por defender algum acto de virtude; V. G. a Castidade; outro interior, o qual conforme S. Agostinho. Sem 250. de Temp. consiste, em que assim como no martyrio exterior o Tyranno pretende tirar a Fé, e o que persiste nella athe morrer, he verda-

⁵⁶ João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., 353.

⁵⁷ João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., 356.

⁵⁸ João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., 362.

deyramente martyr; assim o Demonio, que he mayor tyranno nos procura tirar da alma a Charidade, persuadindonos não amemos aos inimigos, ou á Castidade consentindo com as branduras de nossa carne, e assim das mais virtudes, e o que pellas defender sente molestia, e trabalho; isto he genero de martyrio? Que por isso diz S. Bernardo em a mortificaçam acharemos hum genero de martyrio, ainda que menos claro, e patente, mais continuo, e prolongado, que martyrio mais grave, que o sofrer fome, e sede, jejuar, dormir no cham, andar vestido de cilicio, nam se dar gosto em nada; o outro martyrio passa em huma hora, e este dura toda a vida. Na morte corporal facil he a hum deyxar tudo, pois nam ha de levar nada com sigo; porem carecer voluntariamente athe do necessario para a vida, he viver morrendo, e por ser tam difficultozo, por isso he tambem mais meritorio»⁵⁹.

Absorvido este preceito de procurar a salvação aceitando não uma mas muitas mortes materializadas nas penitências, jejuns, disciplinas, cilícios e outras graves mortificações... há uma outra dúvida que assola a mente do soldado: «com tudo ainda que nam tema a morte, por me privar da vida, nam posso deyxar de temer entrar com ella em batalha, e no perigozo conflictio quando se apartar alma do corpo; pello que estimarei me digais, e ensineis, que hei de fazer para naquella hora estar sem temor»⁶⁰. «O temor nessa ocaziam he natural – diz o frade – não só á natureza humana, mas a toda a creatura vivente, se com tudo quereis entrar confiado no conflictio, imitay o soldado, que antes de entrar em batalha com o inimigo, se ensaya, e exercita primeiro como se estivera pelejando»⁶¹.

E para mostrar a conveniência de ser um ataviar atento e contínuo conta a história de um religioso da companhia que estando na última enfermidade, e depois de um amigo lhe dizer que os médicos «desconfiavam de sua saude, e que se dispuzesse para a morte», o enfermo, «olhando para elle sem mostrar

⁵⁹ João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., 364.

⁶⁰ João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., 367.

⁶¹ «Alguns ha, diz Ludovico Blosio, Exer. de Biem morrer cap. 14. Se exercitão todo o anno para morrer bem trazendo a morte sempre diante dos olhos; o que fazem por cinco dias continuos: no primeiro considerando a pena, e afflizião que cauza a enfermidade, que precede a morte, e aquelle horror, que a acompanha resignandose a sofrer tudo de boa vontade. No segundo, considerão em seus peccados examinando sua consciencia com grande cuidado, e diligencia, e se confessão com tanta dor e arrependimento, como se acabada a confissão ouvessem logo de morrer. No terceiro comungam com muita devaçam, e reverencia, como se tomassem o viatico naquella hora para sair desta vida. No quarto, pedem a Deos com grande affecto, nam permita sayão deste desterro sem o Sacramento da Santa Unção. No quinto procuram com muito fervor morrer espiritualmente a tudo, o que he mundo, e viver a Deos somente» – João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., 368.

alteração, disse: Bemaviado estava eu se esperasse por esta hora para me dispôr para morrer»⁶²...

E contra as habituais assolações do Demónio que dão para quem está para morrer argumentos contra a Fé, dúvidas relativamente à salvação eterna, convém não responder e exercitar interiormente actos-de-Fé, Esperança, Caridade e nomear repetidamente o Santíssimo Nome de Jesus – que, provado está, tão temido é pelo Demónio⁶³... – e o nome de Maria Santíssima⁶⁴... E para além disto, é de grande consolação a assistência de religiosos e sacerdotes e demais pessoas devotas que com suas orações e exortações espirituais animam o que está enfermo e impedem o Demónio de entrar no aposento e, se já lá está, obrigá-lo-ão a sair⁶⁵...

Portanto – apreendidos estes procedimentos... – todas as energias devem ser gastas no dia a dia, porque é aí que, de uma forma mais segura, pode garantir a salvação da sua alma... Nem se deve preocupar com o lugar onde irá morrer nem com o amanhã da sepultura⁶⁶...; «Se vossa vida for santa não faltará quem vos honre depois da morte, e quando falte quem faça as honras funeraes, correrão por conta de Deos, como se vio na morte do Patriarca S. João de Deos, o qual na hora que espirou, refere o Bispo de Sirene em sua vida, se tanjeram por mão insensível todos os sinos de Granada, querendo Deos com estas demonstrações de sentimento avizar toda aquella grande Cidade, viesse honrar o corpo do defunto»⁶⁷... E há ainda, como prova disso, os muitos casos de santos que conservam os seus corpos incorruptos⁶⁸...

Conclusão

- 1 – Pode a *Satisfação de Agravos* do Padre João da Fonseca ser interpretada – assim como, também da sua pena, *Norte Espiritual da vida Christã*, o *Espelho de penitentes*, a *Escola da Doutrina Christã*, o *Guia de Enfermos, moribundos, e agonizantes*, a *Instrução espiritual para antes, e depois da Sagrada Comunhão*, o *Alívio de Queixosos*

⁶² João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., 368.

⁶³ João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., 368.

⁶⁴ João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., 370.

⁶⁵ João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., 377

⁶⁶ «Vivemos como desterrados neste mundo; e um desterrado, dizia Catão, he como morto sem sepulchro (...) e assim como ao Varão forte toda a terra serve de patria, qualquer parte della lhe pode tambem servir de sepultura» – João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., 382.

⁶⁷ João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., 384.

⁶⁸ João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., 389.

da morte dos que amarão em vida, o *Antídoto da alma para medecina de escrupulos, remedio de tentados, e perservativo de enganados, e illusoens que pode haver em matérias espirituaes*, a *Silva Moral*, e *historica*... – como uma obra que fazia parte do enorme caudal literária lavrado no contexto pós-tridentino que tinha como especial propósito veicular – principalmente para o clero com responsabilidades novas e acrescidas na pregação e na condução espiritual dos fieis –, de uma forma segura e célere, os preceitos doutrinários fundamentais e as estratégias de catequização mais eficientes⁶⁹...

2 – Como ao longo de toda a centúria⁷⁰, nos últimos anos de seiscentos, o tema e a reflexão sobre a morte – toda ela muito ligada ao uso dos *exempla*⁷¹... – continuava a ser um argumento-forte na tarefa de morigerar, de corrigir comportamentos, de formar, tanto do ponto de vista ético como religioso... E as obras de João da Fonseca – escritas entre 1687 e 1700 – vincando com particular cuidado a ideia da *quotidio morior*..., testemunham alguma consolidação das *artes vivendi* que põem a ênfase na vida sóbria e santa como segredo de uma morte feliz.

3 – O *Breve aparelho* de Estêvão de Castro continuava a ser, na literatura do género, uma obra de referência... O próprio padre João da Fonseca no prólogo de *Guia de Enfermos*⁷² confessa não ter aquele livrito novidade alguma relativamente à obra do padre Estêvão de Castro «que neste Reyno he tão aceito, e com elle se tem feito tanto fructo, como he a todos notorio»⁷³. O que trás de novo são os «muitos conselhos, admoestações, advertencias, colloquios, e jaculatorias» as «orações devotas, que compuzerão algumas pessoas santas, e espirituaes estando para morrer», os «exemplos» que confirmam o que fica dito nos capítulos, e ainda o «officio da agonia em portuguez vertido na

⁶⁹ Aníbal Pinto de CASTRO, *Retórica e teorização Literária do Humanismo ao Neoclassicismo*, Coimbra, Centro de Estudos Românicos, 1973; Zulmira C. SANTOS, *Entre a "Doutrina" e a Retórica...*, ed. cit.

⁷⁰ *Bibliografia Cronológica...*, ed. cit.; José Adriano de Freitas CARVALHO, "Artes de Morrer na Idade Média e no Barroco: Exercício de União, Exercício de Anulação", in *Revista da Faculdade de Letras*, nº 13/14 – 5ª Série, Lisboa, Dezembro, 1990, 157-164.

⁷¹ Florence BAYARD, *L'Art du bien Mourir...*, ed. cit., 18.

⁷² João da FONSECA, *Guia de enfermos, moribundos, e agonizantes. Com exemplos accommodados às materias de que tratta*, Lisboa, 1689.

⁷³ João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., ii.

forma do Ritual Romano, para que o possam rezar, e entender os que não sabem latim»⁷⁴.

- 4 – O ensino fácil e deleitoso, o carácter pragmático e utilitário continua a ser uma marca distintiva dos escritos jesuítas sempre com a preocupação de chamar as «ovelhas perdidas», de cuidar dos transviados, de recuperar os excluídos... Em *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos* fica claro o cuidado em escrever para todos, o esforço para elucidar, demonstrar, o uso reiterado de colóquios⁷⁵, de *exempla*, as

⁷⁴ João da FONSECA, *Guia de enfermos...*, ed. cit., ii.

⁷⁵ «Já que falamos na morte, ouvi a este intento hum colloquio, que o Collegio de Sam herminigildo de Sevilha da Companhia de Jesus, fez na Canonização de São Francisco de Borja da mesma Companhia:

FALA A MORTE

Desta inbencible mano, a cujo entero
 Golpe se rajaram los pedernales:
 De este, si destemplado, agudo acero,
 Que atodos aun Zerzen los corta iguales,
 Deste poder aun Divino Fiero,
 Susto comum de todos los mortales,
 Quien se intento librar, sino es en vano?
 Digalo el Rey, y digalo el Vilhano.
 Todo lo diga pues que todo tiene
 Inevitable fin, hora postrera?
 Que la estabilidad no le conbiene
 A la vida del mundo lizongera,
 El Sol que cada dia se previene
 A gozar nueva vida en su carrera,
 Muere en el mar; y si en el mar renace,
 Tantas vezes expira como nace.
 nace la flor al despuntar el dia,
 Y muere com el dia su hermozura:
 Nace la fuente bullicioza, e fria,
 Y en su Orgulho su muerte se procura:
 Del Mayo laoloroza bezarria,
 Es del Abril passado sepultura,
 Un año muere en outro, y si ai segundo,
 No lo tendrá, quando se muera a el mundo,
 Dezenganense pues los engañados,
 Abran los ojos ya los divertidos
 Del letargo, in que yazen sepultados,

«histórias notáveis»⁷⁶ que sustentam cada tópic, os «prudentes dictames e conselhos saudáveis»⁷⁷ de que todo o cristão pode aproveitar para «bem viver»...

João Carlos G. Serafim

A mejor luz despierten los dormidos,
Todos, todos á muerte condenados
Han de ser, son, e fueron los nacidos,
Amplio poder, irrevocable, y fuerte,
Que los peccados dieron a la muerte.
Gallardo joben, que com fuerte mano
La carroza del dia detuvieras;
Hermoza dama, que en adorno vano
Arrastraste por galas primaveras;
Rudo pastor, discreto cortezano,
Soldado triunfador de mil vanderas,
Mirad que ya la sepultura aguarda,

^U pues que veis la muerte, ya no tarda» – João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., 386.

⁷⁶ Veja-se a «relaçam de alguns sucessos admiraveis» – João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., 396; «Porque sei gostais de saber e ouvir novas tocantes principalmente ao bem espiritual, e augmentos de nossa Santa Fé, me pareceo darvos huma breve noticia de algumas couzas notaveis, e sucessos maravilhosos, que da India, China, e e Bohemia em varias relaçoens mandaram os Padres da Companhia de Jesus, aos Padres da mesma Companhia da Provincia de Portugal, este anno de 1694» – João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., 431; A primeira é a relação do martírio do Padre João de Brito da Companhia de Jesus morto pelo Regulo (...) Missão de Madurê no dia 4 de Fevereiro de 1693 – João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., 431; Dos sucessos maravilhosos cometidos pelos jesuítas na «Imperio da China» – João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., 436.

⁷⁷ *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos* tem ainda um apêndice cujo autor textual é o soldado que, convertido e vivendo já «vida de deserto», escreve a um amigo um: «Corollario de prudentes dictames: «...E posto vos nam convido, nem persuado me queirais fazer companhia, por entender, que a vida solitaria se hade escolher por inspiraçam do Ceo, com tudo lembrado das obrigaçoens , que vos tenho, dezejo de algum modo mostarme agradecido; E já que nam posso por obra, nem ainda de palavra, mostrar meu agradecimento, fazendovos algum serviço, me rezolvi a vos mandar este corollario de dictames, e conselhos saudáveis, de que vos podereis ajudar para viver como verdadeiro Christam, e sem faltar ao credito devido a vossa pessoa, e nobreza cumprir com a Ley Divina» – João da FONSECA, *Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos...*, ed. cit., 396.

Abstract

Satisfaçam de Agravos e confusam de vingativos written in 1700 by the Jesuit Father João da Fonseca examines with particular care the idea of *quotidio morior* – in other words, that only a sober and saintly life can lead to a noble death... - seen as such, in contrast to the *artes moriendi* of previous centuries..., it is a consolidation of the *artes vivendi* of the end of the 17th century. With this work the idea of Jesuit mercy is characterised by charming and easy teaching and by its utilitarian, pragmatic character which was always concerned with recovering “lost souls”.